

APRESENTAÇÃO

A disciplina Estudos da Tradução, que teve seu nome e natureza propostos por James Holmes em 1972, rapidamente cresceu e consolidou-se nas duas últimas décadas do século XX, com o desenvolvimento de diferentes teorias e prolíficos estudos que se expandiram exponencialmente neste início de século. Como observam Kuhiwczack & Littau na introdução do companion que organizaram (2007), “Now the discipline seeks a new understanding of itself by turning to history: its history as a discipline, of the theories of translation, or a social-cultural history of the translator” (p. 5). Esse desejo de se conhecer e entender ficou bem evidente por ocasião do XI Congresso Internacional da ABRAPT e V Congresso Internacional de Tradutores, realizado em setembro de 2013, quando o Simpósio “História e Historiografia da Tradução” recebeu tantas submissões que precisou se desdobrar em dois, ambos com todas as vagas preenchidas.

Lieven D’hulst, no artigo “Why and How to Write Translation Histories” (2001), aponta possíveis enfoques para estudos historiográficos da tradução, que podem se voltar, por exemplo, para os tradutores, para os textos que são objeto de tradução, para os veículos desses textos, para as motivações do gesto tradutório, para as estratégias empregadas, para os agentes iniciadores e facilitadores das traduções e para o público ao qual esses textos se destinam. A esses enfoques podemos acrescentar, ainda, as teorias de tradução, a recepção de obras traduzidas e o uso político das traduções, dentre outros. Além disso, a massa crítica acumulada nos últimos anos já permite que estudiosos se debrucem também sobre a historiografia da tradução propriamente dita: o que já foi feito, por quem, e de que modo.

Além de tratar dos estudos das traduções das grandes obras, a historiografia da tradução se volta também para o que foi chamado de “microhistória”: a tradução de obras hoje esquecidas, por tradutores esquecidos. Por exemplo, podemos mencionar a tradução dos romances populares nos séculos XVIII, XIX e XX. Quem foram esses tradutores? Muitos eram mulheres, às vezes usando pseudônimos de homens. O que sabemos sobre elas? Como podemos obter informações sobre elas? E há muitas outras áreas muito pouco exploradas, como por exemplo, a tradução de livros escolares, a tradução de manuais militares e a tradução de peças de teatro. E, quando pensamos em termos da interpretação, onde não herdamos documentos escritos, a pesquisa torna-se muito mais difícil.

Uma pequena parte do resultado produtivo de todo esse interesse pela história pode ser apreciada nas contribuições a este volume, voltadas para aspectos interessantes da tradução a partir de uma visada historiográfica que se estende do século XIV até os dias de hoje, com alguns dos artigos entrando nessas áreas menos estudadas. Apresentados em sequência cronológica com referência aos momentos históricos abordados, os artigos são capitaneados pelo estudo de Cristina de Amorim Machado, que enfoca as primeiras traduções científicas em língua portuguesa, nos anos quatrocentistas e quinhentistas. Dentre as 145 traduções produzidas para a língua portuguesa nesse período, 21 são de livros científicos, a maior parte deles sobre astronomia/astrologia. O objetivo do artigo é compartilhar algumas notas sobre esses textos, que revelam a presença de tradutores e astrólogos no cenário do desenvolvimento náutico ibérico.

Segue-se o estudo de John Milton sobre uma tradução fictícia produzida pelo inconfidente e poeta árcade Tomás Gonzaga, apresentada sob o título de *Cartas Chilenas*. Milton revela que esse poema satírico em versos brancos que compõe 13 “cartas” faz uma crítica a um suposto governador do Chile que seria, na verdade, dirigida a Luis da Cunha Meneses, governador da Capitania de Minas Gerais de 1783 a 1788.

O artigo seguinte, de Dennys da Silva Reis, nos traz ao século XIX para mostrar impactos da tradução escrita no Brasil nesse período. A contribuição evoca as esferas da tradução em determinados contextos sociais brasileiros e a personalidade de alguns tradutores, bem como sua importância e a de algumas obras traduzidas. A proposta do autor é a de construir uma historiografia da tradução no Oitocentos por tipos de tradução e sua pertinência para a época.

Já Andrei Cunha, em seu texto, lança algumas hipóteses sobre a presença da literatura japonesa na cultura e literatura brasileiras. Ele identifica quatro vertentes tradutórias, com normas e lógicas distintas, a partir de critérios como se a tradução é direta ou indireta e a identificação de quem partiu a iniciativa do gesto tradutório, entre outros. Essa visão panorâmica parte do final do século XIX e chega até os dias de hoje, com a forte presença dos quadrinhos japoneses.

Da presença do Japão no Brasil chega-se à da Espanha, mais precisamente à de D. Quixote, no estudo de Silvia Cobelo sobre os adaptadores dessa obra canônica mais publicados no Brasil. A autora apresenta um panorama da história de adaptações do *Quixote* em nosso país, bem como a trajetória de cada autor/adaptador das dez versões mais publicadas, iniciadas pela de Carlos Jansen, lançada originalmente em 1886. Ainda na linha do mapeamento e análise de diferentes reescritas de uma mesma obra ou de textos

de um mesmo autor, Anna Olga Prudente de Oliveira se volta para os contos de Perrault em traduções de Monteiro Lobato e Mário Laranjeira. A partir de uma abordagem descritivista, a autora comenta diferentes perspectivas observadas nos projetos de tradução desses dois tradutores brasileiros, buscando analisar concepções de tradução e fatores culturais, linguísticos ou ideológicos que possam ter interferido em suas escolhas.

A seguir, entra-se em um clima de desvendar mistérios: que relação têm as tradutoras brasileiras Primavera das Neves e Vera Pedroso? E por que Agatha Christie pode, e ao mesmo tempo não pode, ser considerada parte do cânone literário traduzido no Brasil? O primeiro mistério é apresentado e solucionado por Denise Bottmann no levantamento que faz da trajetória de Primavera Ácrata Saiz das Neves Pedroso na área de tradução editorial. Após traduzir 220 poemas de Emily Dickinson em 1965 e colaborar com o projeto de transpor a enciclopédia Delta Larrousse para o português nos dois anos seguintes, Primavera passa a adotar o nome de Vera [Neves] Pedroso, com o qual assinou traduções da obra de Adolfo Bioy Casares. Já quem desvenda o segundo mistério é Vanessa Hanes, que aborda a canonização de Agatha Christie no Brasil durante os séculos XX e XXI.

O volume é completado por dois artigos que tratam de questões contemporâneas, mas com uma preocupação de traçar a gênese destas: enquanto Francisco Wellington Gomes enfoca a relação entre literatura e produções audiovisuais a partir de uma visão retrospectiva, Raúl Colón aborda as comunidades de tradução colaborativa ativista no Canadá e no Brasil. Tendo como referência os formatos da Web 1.0 e 2.0, Colón pretende mostrar como as novas formas de organização social que eles suportam têm uma influência radical e crescente na evolução das comunidades de tradutores ativistas.

Referências

- KUHIWCZACK, P. & LITTAU, K. Introduction. In: _____ (Eds.) **A Companion to Translation Studies** Multilingual Matters, 2007, p. 1-12.
- D'HULST, Lieven. Why and How to Write Translation Histories. In: MILTON, J. (Org.). **Emerging Views on Translation History in Brazil, CROP** (Special Edition), v. 6, 2001, p. 21-32.

John Milton (USP) e Marcia A. P. Martins (PUC-Rio)